

Apocalipse fantástico

No sinal de trânsito em direcção ao aeroporto vi o desenho de um avião que se parecia misteriosamente com uma sarda voadora; imaginei que tivesse sido desenhado por um topógrafo da câmara, um pobre desgraçado que rabiscara no saco da sandes o esquema definitivo para mandar imprimir; ou talvez o coitado o tivesse copiado dos sinais de outros países ou, mais provavelmente, de outros planetas onde os aviões podiam voar e afundar-se no mar a seu bel-prazer.

Viajava ao lado de uma velha ucraniana, duas miúdas, o homem-lobo e uma família de egípcios; iam-se todos embora, para longe, talvez à procura de um furacão.

Tivemos de passar a ver as casas feias construídas nos anos sessenta, um tempo em que os arquitectos gozavam de imunidade planetária e eram onnipotentes, um tempo em que a Itália estava cheia de espaço vazio e ninguém sabia como o encher, desde que o nada fosse aniquilado — "antes feio do que erva", pensavam —, um tempo em que todos pediam a Deus que lhes abrisse um esconderijo fora da natureza.

Apaixonamo-nos mais por um artifício feio do que por um belo pedaço de merda.

A Natureza anárquica assusta-nos mais do que a fealdade asséptica, e por isso construímos coisas feias que nos sosseguem.

A imortalidade da natureza, o seu estar aí sempre e para sempre, o seu comer o asfalto com as raízes das árvores, a sua força destruidora e geradora que alimenta o universo, deixa-nos desconfortáveis; mas é o desconforto de nos sentirmos passageiros nesta terra, a consciência de que a natureza, mais tarde ou mais cedo, nos levará de volta consigo...

[Continua no PDF, 13 páginas]

Luca Motolese · Lisboa 2016

motolese.com — Texto original em italiano